

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho*

BEN-ROSH

BEN-ROSH



הַלָּפִיד

(HA-LAPID)
O FACHO

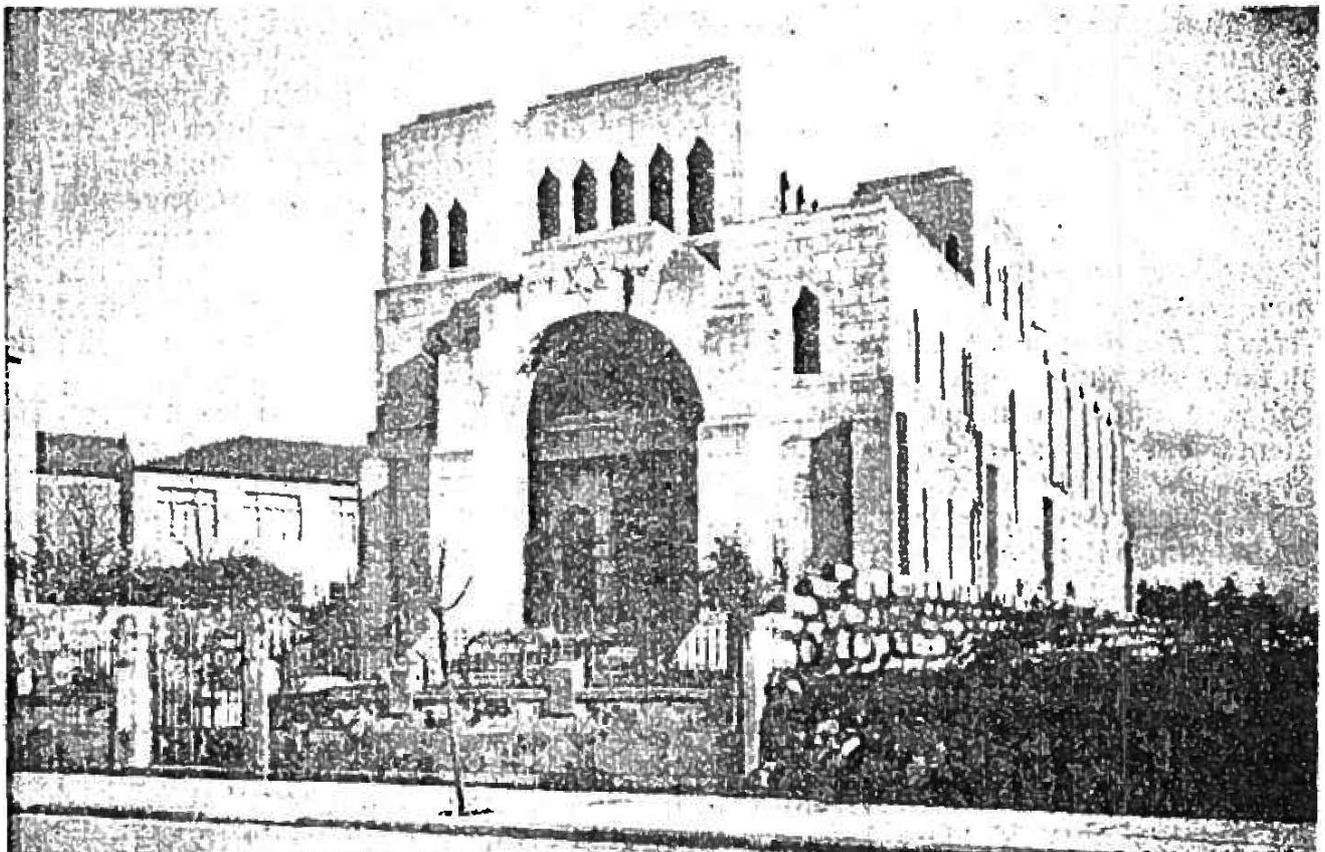
DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROSO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 64—Porto

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10

—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

PORTO

Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm



*Vista geral exterior da Catedral judia do norte de Portugal inaugurada
solenemente a 16-Jan.º de 1938 (15-Shebat-5698).*

Os Maranos Portugueses

Inauguração da Sinagoga Kadoorie

por PAUL GOODMAN

Por uma feliz coincidência, o 500.º aniversário do nascimento em Lisboa de Don Isaac Abravanel, o maior dos exilados de Sepharade, acaba de ser comemorado em Portugal com a abertura solene duma Sinagoga no Porto, edificada principalmente para os maranos que regressaram ao Judaísmo durante a última década.

A história dos Maranos é agora acessível aos leitores ingleses pela brilhante obra do Dr. Cecil Roth, editado pela Sociedade de Publicações judaicas d'America em 1932. No epílogo intitulado: OS MARANOS DE HOJE o Dr. Cecil Roth relata a espantosa sobrevivência destes numerosos cripto-judeus que guardaram uma consciência judaica e a prática de ritos judaicos após mais de quatro séculos de terror e de repressão. E êle conclue: *Quanto às últimas consequências dêste espantoso movimento, é ainda demasiado cedo para fazer um juízo.*

Após a minha primeira visita aos maranos portugueses em 1931, eu expunha no *Jewish Chronicle* de (Outubro de 1931) o resultado do meu inquérito no Pôrto, Bragança e outros centros maranos, especialmente em conexão com a obra realizada graças à ajuda do Comité dos Maranos portugueses de Londres, o qual foi constituído conseqüentemente à missão empreendida em 1925 pelo saudável Lucien Wolf, pela iniciativa da Aliança Israelita, da Anglo-Jewish Association e da Comunidade Hispano-portuguesa de Londres. Fiquei comovido, como qualquer outro visitante judeu o teria sido, pelo lado romântico dos últimos sobreviventes do que foi outrora uma grande e poderosa secção do povo judeu.

Para dizer a verdade, fui profundamente perturbado pelo vasto problema que se me apresentava como insolúvel.

Não só o Comité Londrino dos Maranos Portugueses não tinha à sua disposição

senão fracos meios, mas era preciso tomar cuidado de não revolver as cinzas do fanatismo religioso num país onde os judeus são agora livres e gosam amplamente de todos os direitos de cidadão. A experiência de alguns anos tinha provado, além disso, que se o regresso dos Maranos suscitou um certo interesse, foi antes em razão do seu carácter exótico, mas não provocou nenhuma ajuda substancial. Era preciso pois registar o triste facto que o Judaísmo, como religião, tinha aparentemente cessado de gerar êste espírito de vanguarda que se nota entre os Haluzim (pioneiros) do renascimento nacional na Palestina.

Quando no decurso duma visita a Bratislava, vi o Rabbi Akibah Schreiber, o chefe da dinastia rabinica de Chatam Sofer, êste último, embora mostrando-se interessado pelos anussins (convertidos à fôrça) de Portugal, manifestou, do ponto de vista halachico (Jurisprudencia Judaica) uma attitude crítica em face dos maranos regressando ao Judaísmo. Não há nenhuma dúvida que a questão genealógica dos Maranos levantou problemas que vão provocar interessantes checloth-u-Tschuboth (perguntas e respostas em matéria jusidica judaica). Se estes escrupulos tinham sido applicados rigorosamente aos refugiados d'Espanha e de Portugal no século XVII, as Comunidades sepharditas d'Amsterdam, de Londres e doutros lugares, difficilmente se teriam organizado.

Os problemas immediatos foram resolvidos pelo Comité dos Maranos Portugueses, que concentrou os seus esforços no Porto, a Capital do Norte de Portugal. Porto torna-se o quartel general d'atracção para os grupos Maranos que desejem manter o contracto com o mundo judaico. Mas se o Judaísmo, nestas regiões quasi inacessíveis vive num crepúsculo de superstições judias e católicas, Porto tem uma popula-

ção judia que a-pesar-da sua composição heterogénica, tem o aspecto duma comunidade estavel e a recente chegada de judeus do Galuth Askenaz constitue um elemento apreciavel para a difusão dos conhecimentos e práticas judaicas.

A alma desta obra de redenção é o apóstolo dos Maranos o Capitão Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), que é não só um valente militar, que serviu com uma grande distinção no front britânico das forças expedicionárias portuguesas em França, mas também uma figura heroica, recordando os românticos sephardim da fé judaica cuja constancia e dedicação brilharam atravez as trevas que envolveram o povo judeu durante séculos, após a grande expulsão de Espanha em 1492. Nascido marano e admitido oficialmente no Judaísmo em Dezembro de 1920, com uma admirável dedicação, manteve firmemente a causa judaica entre os seus irmãos maranos atravez os bons e maus momentos. A vida agitada da comunidade nascente do Porto, a cidade natal d'Uriel da Costa, recorda os principios agitados das Comunidades sepharditas da Diaspora.

O Capitão Barros Basto visita de tempos a tempos os diversos estabelecimentos maranos para proclamar a fé que nele existe. Publica um periódico intitulado «Ha-Lapid» (O Facho) que forma um traço de união entre os maranos portugueses e o mundo judaico em geral.

Foi o Capitão Barros Basto que tomou a iniciativa da edificação duma Sinagoga no Porto, que, pela grandeza do seu estilo, se devia tornar a catedral judia do norte de Portugal. Os meios postos à sua disposição eram dos mais modestos e durante anos tinha-se notado que o edificio começado a 1 de Julho de 1929, se apresentaria como uma ruina melancolica, testemunhando a falta de interesse manifestado por êste objectivo eminentemente judaico por aquêles de que se esperava uma ajuda efectiva. A pedido do Snr. Israel Levy, Rabbi mór de França (um dos membros do Comité dos maranos portugueses) o falecido Barão Edmond de Rothchild dera 500 libras para o fundo de construção, mas o seu exemplo não foi seguido por ninguém.

Felizmente, o Comité pôde interessar na obra a Familia Kadoorie de Shanghai. Os snrs. Horace e Lawrence Kadoorie forneceram todos os fundos necessários para

o acabamento e arranjo interior do edificio, em honra de seus pais Sir Elly Kadoorie e da finada Laura Kadoorie.

A erecção desta importante sinagoga, simbolo do despertar judeu entre os maranos portugueses e testemunho triunfante da solidariedade de Israel, é, nestes dias agitados, uma das realizações judaicas mais encorajantes.

A consagração da Sinagoga Kadoorie no Porto a 16 de Janeiro de 1938 constitue um acto histórico. Ele abrirá, é precioso esperá-lo, uma nova e feliz época nos trágicos anais do judaísmo português. Este dia coincidiu com o hamishah assar bishvat (o ano novo das árvores). E' de bom augurio para o futuro dos maranos portugueses. Possa êle engrandecer e florescer para a gloria de Adonai.

O grande Deus de Israel!
Bessiman Tob.

O. R. T.

De vez em quando em noticias sobre organizações judaicas aparecem estas letras indicando uma prestante colectividade.

Foi fundada por um grupo de israelitas, que, seguindo o exemplo tradicional de celebres Rabbis e do notavel filosofo Barukh Espinosa, compreenderam que as aptidões manuais não são incompatíveis com as intellectuais.

Os seus fins são:

1.º—Ensinar aos jovens e aos adultos judeus profissões industriais e agricolas.

2.º—Propagar os metodos modernos e desenvolver a eficacia do trabalho entre os artifices judeus edosos.

3.º—Fundar e auxiliar cooperativas industriais e agricolas entre as massas judaicas.

Em resumo: contribuir para a reconstrução da economia judaica orientando o supranumerário de intellectuais, de pequenos negociantes e vendilhões empobrecidos para a industria e a agricultura e, duma maneira geraí, crear uma nova geração de trabalhadores judeus especializados.

A Inauguração do Templo Kadoorie no Pôrto

Porto, 16-Janeiro-1938

A inauguração do templo edificado para os Maranos que regressam à fé judaica, é um acontecimento sem precedente. Só aqueles que assistiram à cerimonia da dedicação podem apreciar o seu alto significado. E' difficil imaginar-se *que um só* tenha tido a ideia de fundar uma casa de orações numa cidade e num tempo em que não havia ali judeus; é difficil de acreditar que este mesmo homem tenha, ele só, contribuido a levar a cabo um tal empreendimento.

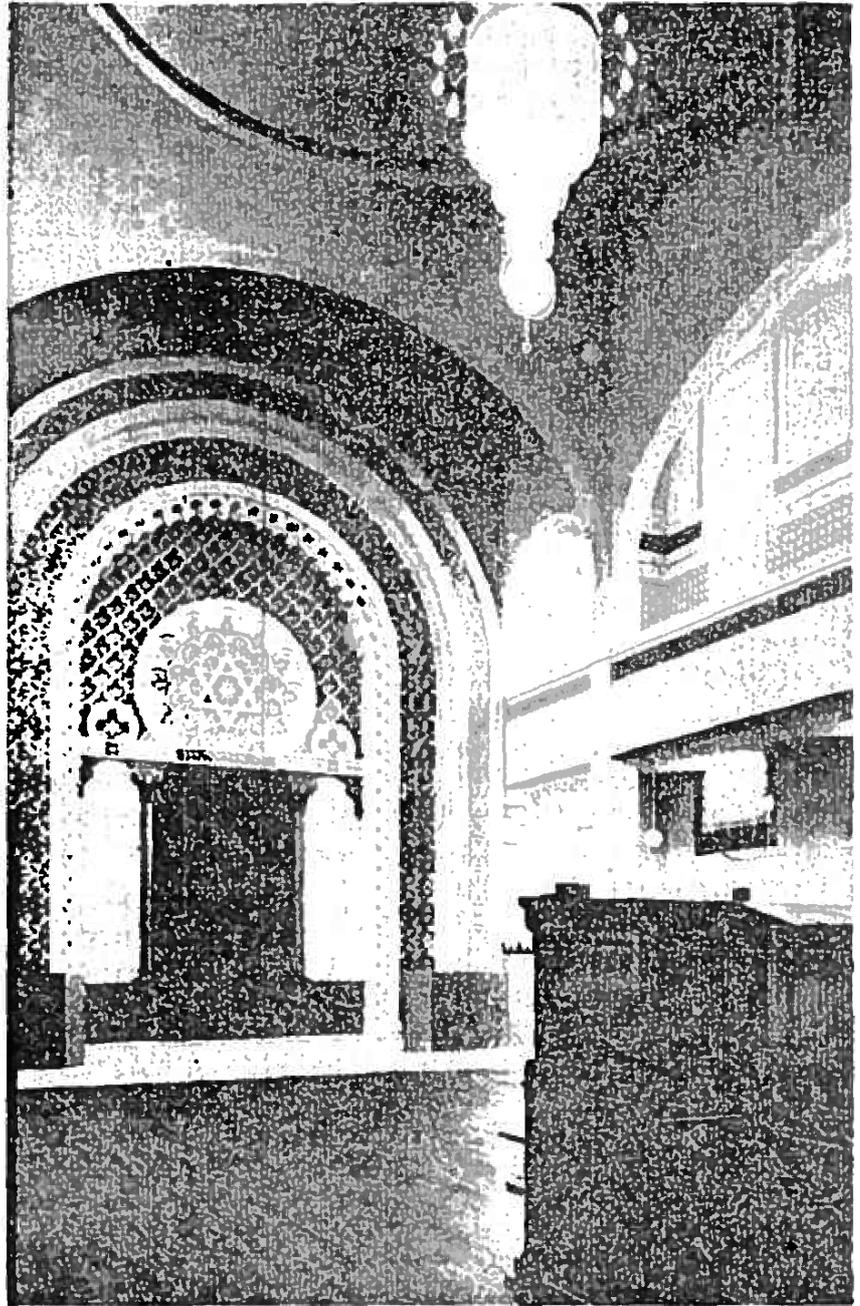
E como ele realizou maravilhosamente a sua ideia!

A Sinagoga do Porto, a catedral judia do norte de Portugal, construida para dar ao marano uma alta concepção da religião de seus pais, está à medida de realizar as esperanças que nela se fundaram. Quão magnífica aparece esta nova Sinagoga na sua beleza virginal! Cada detalhe reflete a santa inspiração, o amor do judaismo.

E' preciso ser do país para bem compreender, por exemplo, o sentido dos arabescos do Ekal (Arca Santa) e as passagens biblicas, que ornarn as galerias e as paredes. E' a obra dum vasto cerebro empregnado de espiritualidade, que fez para o culto de Israel tudo o que um homem lhe pode oferecer no nobre e belo dominio da architectura.

Viu-se edificar muitos outros templos com meios financeiros afluindo de todas as partes. Este é inteiramente a obra dum só homem cuja mão ficou constantemente aberta para levar a cabo a obra começada.

A cerimonia realisou-se a 15 de Shebat



Interior—Arca Santa

em presença de numerosos maranos. O officio, celebrado por Samuel Rodrigues, um dos futuros rabinos maranos, que fazem os seus estudos sob a direcção do capitão Barros Basto, foi dos mais interessantes, sobretudo para aquêles que não tinham assistido antes.

Durante o officio, chegou de Traz-os-Montes, distrito situado além das Serras, um forte contingente de maranos. Eram cultivadores, pastores e pequenos negociantes vestidos com os seus fatos pitorescos. Eles ficaram cheios de respeito nos



Interior—Galeria

degraus da escadaria, fora, para não perturbar o ofício.

Eu tive o privilegio de presidir ao ofício matinal de sábado. Um certo numero de fieis maranos foram chamados perante a Thorah. Havia ali um homem muito velho um pastor de 80 anos, vindo com o seu filho e seu genro.

Eles escutavam com olhos maravilhados a secção da Thorah, que se lia, e a vista do Sepher comovia um deles ao mais alto grau.

A Cerimónia da Dedicção foi celebrada

com um recolhimento digno das mais velhas comunidades.

A celebração da *minhah* por Samuel Rodrigues, foi magnifica na sua simplicidade. O Rev. Diesendruck, de Lisboa, e o Rev. Joseph Hertz foram impressionantes pela melodia das suas orações.

A Comunidade de Lisboa foi representada por mais de 40 pessoas. Havia ali o Snr. Professor Bensabat Amzalak, o *Naguid* dos judeus de Portugal, o Snr. Dr. Elias Baruel, vice-presidente da Comunidade; Dr. Augusto de Esaguy, o conhecido erudito; Dr. Sequerra, presidente de Ehhaber e o Snr. Terlô. Entre os não-judeus notamos o Consul britânico e o ministro da igreja anglicana. A Comunidade sephardita de Londres, que tomou uma parte activa na construção desta jovem sinagoga sobre a antiga terra de Sepharade, estava representada pelo Snr. Artur de Casseres e o abaixo assinado.

O Capitão Barros Basto fez um vibrante apêlo. Leader dos que regressam ao judaísmo, êle falou da imortalidade de judaísmo. O ofício foi encerrado pelo canto de Ha-Tikvah; nunca, na minha vida, ouvi este canto com tanto entusiasmo. Od lo avdá tikvatenu!

Durante a brilhante recepção dada pelas damas do Porto, alocações foram pronunciadas pelo Snr. Casseres e pelo Dr. Alfredo Klee, vice-presidente da Comunidade berlinense, que desde longos anos se interessa calorosamente pelo movimento marano. Mensagens vindas de toda a parte foram lidas, notavelmente do Rabbi-mor de França, da Alliance Israelite Universelle, do Rabbi-mor Dr. Ovadia, presidente da União Universal das Comunidades Sepharditas.

Paul Goodman

Traduzido de «Le Judaisme Sephardi» de Paris

== A dedicação da Nossa Sinagoga ==

Na Imprensa judaica estrangeira

Alemanha—O jornal israelita de Berlim, C. V. Zeitung, no seu número de 27 de Janeiro traz o seguinte artigo:

Die Synagogenweihe von Oporto

H. E. Oporto, Ende Januar

Am 16. Januar fand unter grosser Beteiligung die feierliche Weihzeremonie statt. Neben den Mitgliedern der noch jungen Gemeinde Oporto waren etwa 40 Personen aus Lissabon erschienen. Unter den Ehrengästen beifanden sich Professor Dr. Moises Benschabbath Amzalak, der Vorsitzend der jüdischen Gemeinde in Lissabon, Mr. Paul Goodman sowie zwei weitere Delegierte vom Marranen-Komitee in London; der Preussische Landesverband jüdischer Gemeinden war gleichfalls vertreten.

Nach dem Mincha-Gebet wurden die Torarollen, von welchen eine aus der Alten Synagoge in Berlin stammt und jetzt zur Einweihung vom Vorstand der Berliner Jüdischen Gemeinde gestiftet wurde, in den Aron hakodesch geleitet, worauf der Oberkantor Diezendorf aus Lissabon einige sehr schöne hebräische Gesänge vortrug. Der Gründer und Vorsitzende der Gemeinde Oporto, der Marranenfuher Kapitan Barros Basto, hielt dann eine Ansprache, in der er sein Bekenntnis zur jüdischen Religion ablegte und an die Juden Oportos einen warmen Appell zur Mitarbeit richtete. Die synagogale Feier wurde dann nach Verrichtung der traditionellen Gebet durch Spielen der portugiesischen und der englischen Nationalhymne und durch Singen der Hatikva beendet.

An die Feier schloss sich ein Tee, bei welchem Mr. Paul Goodman die verschiedenen Zuschriften, die ihm als Sekretär des Londoner Marranenkomitees aus allen Teilen der Welt—aus Deutschland u. a. auch von Professor Dr. Ismar Elbogen (Berlin)—zugegangen waren, den Anwesenden zur Kenntnis brachte. Die portugiesische Presse nahm lebhaften Anteil an den Synagogeneinweihung und brachte mehrere Bilder von der Feier. Der herrliche Bau, der Zusammenarbeit von Barros Basto und Paul Goodman sein Entstehen verdankt, konnte durch eine hochherzige Spende von Sir Elly Kadoorie, zur Zeit Hong-Kong, vollendet werden. Er ist dazu bestimmt, ein Zentrum der Marranen-Bewegung zu werden.

* * *

Itália—O jornal "Israel," de Florença, a 3 de Fevereiro, publica uma descrição da

Dedicação Solene, acompanhada por a vista exterior da Sinagoga, sob o título L'inaugurazione del Beth Hakeneseth per i marrani a OPORTO.

França—A Revista «Le Judaïsme Sephardi», de Paris, em 31 de Janeiro, consagra trez artigos à inauguração da Sinagoga, intitulados «Message de l'union Universelle des Communautés Sephardites» par Dr. N. J. Ovadia, «Les marranes du Portugal» par Paul Goodman, «Compte Rendu de l'inauguration» par Paul Goodman; artigos estes que traduzimos na integra para o nosso jornal. A citada revista publica os retratos de Sir Elly Kadoorie, D. Laura Kadoorie e de seus filhos Lourenço Kadoorie e Horácio Kadoorie.

E' ilustrada também com gravuras da fachada principal e vista geral exterior da Sinagoga e do Hekhal (Arca Santa).

Publica igualmente as duas placas de honra (em inglês) de homenagem á Familia Kadoorie e ao capitão Barros Basto que o Portuguese Maranos Committee de Londres mandou afixar na Sinagoga Kadoorie.

França—O «Univers Israelite», de Paris, a 11 de Fevereiro, publica a mensagem da União das Comunidades Sepharditas aos maranos de Portugal, acompanhada duma vista geral exterior da sinagoga do Porto.

França—O jornal israelita de Paris, «L'univers Israelite» de 4 de Fevereiro publica um artigo «Inauguration d'une Synagogue de Maranes à Oporto», onde descreve a cerimónia e finalisa a noticia com o seguinte:

«—Em seguida a esta cerimónia, uma brilhante recepção foi dada pelas damas do Porto. Leram-se ali muitas mensagens, entre as quais as do Rabbi-mor de França, Israel Levy, do Rabbi-mor Dr. N. J. Ovadia, da Alliance Israelite Universelle, etc.

(Continúa na página 7)

A dedicação da nossa Sinagoga

(Continuação)

O Rev. Israel Levy escreveu: «O meu pensamento vai primeiramente para o nosso valente irmão, o capitão Barros Basto, que levantou a bandeira de Israel e reacendeu a flama santa na terra de Portugal. O seu apostolado fez estremecer de emoção e de altivez toda a casa de Israel. Ele suscitou um elan de simpatia e de entusiasmo em todos os paizes da Diaspora.»

O Dr. Professor Ehrenpreis, Rabbi-mor de Stockholm enviou uma mensagem em hebreu.

A sinagoga está edificada na rua Guerra Junqueiro e chama-se *Kadoorie A e kor Haïm*.

Alguns dias antes da inauguração do Templo do Porto apareceu no *Jewish Chronicle* um artigo de protesto. O autor classifica de loucura o facto de se ter edificado uma sinagoga numa cidade onde não existe sequer um embrião de comunidade judaica. Não há chohet, não há mohel, não há rabisno, nem cemitério judeu. O autor do protesto lembra a grande miséria dos judeus da Polonia, onde o dinheiro gasto para esta sinagoga teria encontrado, segundo a sua opinião, melhor emprêgo...

Nota da Redacção Pelo dedo se conhece o gigante, o autor do artigo de protesto do *Jewish Chronicle* deve ser um *pulhaco* de alma preta e de negros sentimentos habituado, como a toupeira, a minar o terreno, onde se constroe. Deve ser um degenerado mestiço da tribu de Isakar, que tinha como emblema um burro de ossos jortes, e da tribu de Dan, cujo emblema era uma serpente, uma víbora que empeçonha o cavalo para fazer cair o cavaleiro.

Por hoje basta.

B. B.

Imprensa Portuguesa

O *Arquivo Nacional*, de 26 de Janeiro de 1938, de Lisboa, publicou uma gravura com a vista exterior da Sinagoga e uma

K. K. Mekor Haïm

Vida Comunal

Festividades — Realizaram-se com toda a solenidade as festas de Rosh Ha shanah (Ano Novo), Yom Kipur (Dia do grande Perdão) e Sukoth (Festa das Cabanas).

Tambem a festa de Hanucah (Festa dos Macabeus) decorreu com brilho.

Escolas — Tem funcionado regularmente a escola elementar religiosa da Comunidade (Ebeu Mussad Pedra Fundamental) aos domingos das 10 às 12 horas.

No primeiro domingo de Novembro abriram as aulas da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teologico Israelita do Porto) em aulas noturnas e em regimen de externato. Estão matriculados 15 alunos.

Corpos gerentes — No dia 26 de Dezembro reuniu a Assembleia Geral da Comunidade sendo eleitos para os corpos gerentes os seguintes israelitas:

Assembleia Geral

Presidente — Edwin Edwards; Vice Presidente — Dr. Alfredo Kiefe; Secretários — Eliezer Carvalho e Benjamin Lopes Mendes.

Mahamad

Presidente — A. C. de Barros Basto; 1.º Secretario — Menasseh Ben Dob; 2.º Secretario — Samuel Rodrigues; Gabay — H. Warmbrum; Vogais — David Moreno e L. A. de Barros Basto.

**Este número foi
visado pela Comissão de Censura**

breve noticia da festa solene da inauguração.

A *Ilustração*, de 1 de Fevereiro de 1938, de Lisboa, publicou a fachada principal da Sinagoga e uma vista interior, acompanhada dum resumo rápido da cerimonia inaugural.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do n.º 81)

TITULO LXXII

As Comunas dos judeus destes reinos nos enviaram mostrar uma carta d'El-Rei D. João meu avô de gloriosa memória selada com o seu selo pendente, em a qual se contem, que os ditos judeus se lhe enviaram ágravar, dizendo que alguns judeus casados se faziam cristãos, e ficavam suas mulheres judias; e que por direito dos judeus não devem, nem podem casar sem primeiramente êsses, que foram seus maridos, lhes darem, e outargarem carta de quitamento, que entre êles é chamada guete, o qual deve ser escrito por judeu, e feito por certas regras, e Ordenanças Ibraicas, e se tal guete assim feito não houverem, não casarão com elas nenhuns judeus; e casando sem terem o dito guete, se houverem alguns filhos, serão fornasi-nhos.

1) E, porém, diziam que segundo seu direito, devem tais maridos ser constrangidos, que deem o direito guete às ditas judias, que foram suas mulheres; e que haja de tal direito fazerem certo o Bispo D. Gil Alma do seu Concelho e ao Dr. Diego Martins de seu Desembargo e ainda aos outros da sua relação; e que isto não embargante, alguns que assim se faziam cristãos, recusavam de dar o dito guete às judias que foram suas mulheres, por tal, que se lhes rendessem; e que por isto se lhes azava serem despeitadas.

Porém, lhes pediam por mercê que mandasse que lhes fôsse guardado seus direitos e que os ditos judeus assim tornados cristãos fôssem constrangidos por êle, e por suas justiças, para que dessem o dito guete como é dito.

2) E o Senhor Rei, vista sua petição e a informação que sobre ele houve, mandou que a dita carta lhe fossem guardados os direitos e que as suas justiças lhes fizessem dar o guete às judias em tal guisa, para que podessem casar.

3) A carta vista e examinada por nós, mandamos que se guarde por Lei com esta declaração; a saber que o dito judeu assim tornado cristão, haja um ano de espaço, contando do dia que fôr tornado à Verdadeira Fé de Jesus Cristo, para dar o guete à dita judia que foi sua mulher, à qual poderá estar esse ano com o seu marido, se quizer; e querendo esta tornar-se cristã, poderá daí em diante viver segundo a Fé de Jesus Cristo; e querendo ficar judia, então poderá ser o dito seu marido costringido, que lhe dê logo o tal guete.

Com esta declaração que assim havemos feita, mandamos que se guarde esta lei e que as nossas justiças façam cumprir como dito é.

TITULO LXXIII

El-Rei D. Pedro, de louvada memória, em seu tempo fez uma lei com esta forma que se segue:

1) Dom Pedro, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que os judeus de meu senhorio me mandaram dizer que eu lhes fizera graça e mercê, em lhes outargar por minhas cartas, que fizessem e podessem fazer contractos com qualquer pessoas, de compras, vendas e d'outras coisas pela guisa, que os fazem os cristãos do meu senhorio; e que eles usavam da dita graça, como era conteúdo nas cartas, que da dita mercê de mim tinham. E que ora em estas cortes, que fiz em Vila d'Elvas, me foi dito por algumas pessoas que eles usavam da dita graça como não deviam e que eu a dizer deles mandei, que fizessem os ditos contractos, em que ouvesse ouhena ou conluido que o mandaria matar e lhe tomaria os bens que ouvessem para a minha Camara, em tal guisa que fôsse em elle cumprida uma Lei D'El-Rei D. Afonso meu Padre, a que Deus perdoe, que foi feita em tal razão.

E diziam que isto lhes era mui grave coisa desta guisa, que antes leixariam de fazer os ditos contractos, que serem obrigados a tão grande pena; e que eu receberia deles de serviço e eles ficariam depenados do que haviam. E enviaram-me pedir, que lhes quizesse temperar tão grave pena como minha mercê fôsse em tal maneira, que eles podessem haver mantimentos, a fazer a miim serviço.

(Continúa no próximo número)